

A Igreja de Nossa Senhora das Dores: a trajetória histórica e cultural para a constituição de seu espaço museal

The Church of Our Lady of Sorrows: the cultural and historical background for setting up its museum space

Caroline Rippe de Melo*

Resumo: A proposta deste artigo é analisar a criação do Museu de Arte Sacra, vinculado a Irmandade da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre (RS), que se encontra em estado de implantação nesta mesma instituição e sua inserção na realidade contemporânea. Pode-se notar que no discurso de criação, a constituição desse espaço museal teve como base as novas concepções museológicas publicadas nas cartas de Quebec e Santiago do Chile, respectivamente. Apresentando uma comunicação ampla entre o meio social e a tradicional instituição museológica, onde a sociedade é vista como colaboradora na produção da memória social e auxiliando na construção da mesma para a comunidade paroquial. Dessa forma foi feita uma análise entre a prática e a teoria que se refere aos auspícios da nova museologia, analisando a forma de aquisição, conservação e futura exposição do acervo relativo à arte sacra no Rio Grande do Sul, em especial da Igreja das Dores. Enfim, a partir destes pressupostos procurou-se produzir uma variável local onde se pode perceber a função social do museu no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cultura; Igreja; Memória; Porto Alegre

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the creation of the Museum of Sacred Art, linked to the Church of Our Lady of Sorrows, in Porto Alegre (RS), which is in a state of deployment in the same institution and its place in contemporary reality. The constitution of this museum space was based on new concepts of museum published the letters of Quebec and Santiago of Chile, respectively. Featuring an open communication between the social environment and the traditional museum institution, seen as a collaborator in the production of social memory and helping to build the same for the parish community. Thus an analysis was made between practice and theory as regards the auspices of the new museology, analyzing the form of acquisition, preservation and future exposition of the collection on the sacred art in Rio Grande of South, especially the Church of Sorrows. Finally, from these assumptions we sought to produce a variable where you can understand the social function of the museum in the contemporary world.

Keywords: Culture; Church; Memory; Porto Alegre.

* Mestranda em História/Unisinos

¹ O Monumenta é um programa de recuperação do patrimônio cultural urbano brasileiro, executado pelo Ministério da Cultura e financiado pelo BIRD - Banco Interamericano de Desenvolvimento.¹¹

1 A formação da Igreja

Por volta do ano de 1800, na então Vila de Porto Alegre, existia somente a Catedral da Matriz, onde atuavam várias irmandades, inclusive a irmandade devota à Nossa Senhora das Dores. Em 1807, a irmandade resolveu erguer seu próprio templo em homenagem a essa santa. No início, donativos eram coletados e doados pela comunidade para construir e decorar a igreja. Logo, em 1813, a primeira parte da obra estava concluída a partir da pedra fundamental, nesse mesmo ano foi inaugurada a Capela-mor, para lá sendo transladada a imagem de Nossa Senhora das Dores (RAMOS, 1989).

A erupção da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835-1845), e seus inúmeros conflitos fizeram com que as obras da igreja estagnassem. Mesmo assim, a igreja mantinha-se aberta ao público e para o culto católico. Consta que em 1857, com a cidade adentrando num novo período de crescimento, foi retomada a construção da Igreja. Nessa época, a igreja contava com um hospital voltado ao atendimento dos membros da ordem religiosa devota de Nossa Senhora das Dores e aos enfermos da Guerra do Paraguai (1864-1870), mas não há indícios de que o templo tenha sido usado para esses fins.

Enquanto isso, as obras de construção da Igreja iam avançando com vários percalços, algo que ainda pode ser visível na capital, pois até hoje partes de sua arquitetura encontram-se em construção. Consta que, em setembro de 1857, o artista alemão Germano Traub foi contratado para pintar o altar-mor e outros paramentos de culto. No ano de 1857, as paredes da igreja estavam concluídas ao ponto de receber o telhado que iria cobri-las, sendo que no mesmo ano uma equipe de engenheiros é contratada para refazer a planta novamente da Igreja com o argumento de que “os riscos antigos que existem não podem servir, visto que desde o seu princípio a obra se apartou deles e foram cometidos erros gravíssimos” (RAMOS, 1989: 21).

É interessante notar que o corpo eclesiástico da Igreja de Nossa Senhora das Dores no século XIX era fortemente engajado no meio político de Porto Alegre, ocupando cargos no Governo da Província, como é o caso do padre Thomé Luiz de Souza, que atuou como membro geral do Conselho Geral da Assembléia Legislativa além de desempenhar altas funções eclesiásticas em 1857.

2 Reformas e mudanças da Ordem de Nossa Senhora das Dores

Após a morte de Thomé Luiz de Souza, o padre Juliano de Farias Lobato vem a substituí-lo, porém esse não é bem recebido pela Ordem de Nossa Senhora das Dores. Nesse período, a Ordem contou com ajuda considerável do comerciante Lopo Gonçalves Bastos que, em 1859, coordena as obras e fornece subsídios para a construção de outro complexo, num terreno recebido em frente à Igreja, local onde executavam os condenados à força. Numa forma de agradecimento, na Igreja ainda permanece o retrato do comerciante.

Na década de 1860 foram colocados o madeiramento no telhado e a abóbada pelo Mestre João Couto e Silva, em 1857 e em 1869, o artista Germano Traub foi novamente contratado para pintar de dourado o altar-mor e outros objetos de culto. E nos anos seguintes, foi construída a escadaria para a Rua da Praia. Foi nesse período que a Ordem mais conseguiu fundos para a construção dos complexos da Igreja.

Entre 1875 e 1878, a Igreja conta com a ajuda de dois priores, ex-combatentes na Guerra do Paraguai, o Marechal José Antônio Corrêa da Câmara e o Marechal José Auto da Silva Guimarães. Ambos foram homenageados dando-se seus nomes às ruas vizinhas à igreja. Em 1876, uma nova irmandade adentra à Igreja: A Devoção de São Francisco Xavier, congregando e atraindo mais adeptos e doadores ao templo. No entanto, esse período é classificado como decadente da Ordem de Nossa Senhora das Dores, visto que também a maçonaria vai marcar sua presença no local a partir de 1880.

No início do século XX, sob a gestão do Vigário Padre Vicente Conde, a igreja contava com arquitetos e engenheiros de origem germânica, que colocaram em voga projetos característicos da escola de arquitetura germânica, sobre a responsabilidade do arquiteto Julio Weise. Em 1903, a Igreja estava pronta para ser inaugurada com o corpo no estilo colonial português com ornamentos e figuras em gesso, torres com ornamentos no estilo gótico alemão. Na entrada pela Rua da Praia, atual rua Andradas, vê-se três portões de ferro trabalhados, uma escadaria de 65 degraus, feita de laje e granitina, corrimões de cimento e pintados de branco, três portas de madeira comum, sustentadas por marcos de granito com vitrais.

O ano de 1900 é caracterizado pelo *boom* imobiliário, tendo como precursor João Vicente Friederichs e sua oficina de artistas. Entre seus poucos trabalhos consta um anjo e as figuras da Fé, da Esperança e Caridade para a Igreja, enquanto a mesma passava por um período de restauração de sua fachada. É interessante notar

o caráter eclético presente na igreja, atribuído pelos próprios artistas como João Vicente, pois “o modelo das figuras parece ter sido o de sua primeira esposa, Júlia Barbosa Gonçalves, de tradicional família do Estado” (DOBERSTEIN, 2002, p. 372).

Nesse período (1907), nota-se um salto nas aquisições de imagens e estátuas, tais como: A imagem do coração de Maria e a estátua do Coração de Jesus. Nesse espaço de tempo ocorrem as principais mudanças e construções de muros e partes da arquitetura da Igreja, sendo que o ápice dessas reformas ocorre na posse como vigário o padre Anastácio Vasquez (1925-1930). Em 1927 o interior da Igreja é reformado e pintado pela empresa de Fernando Schlatter, com talhes barrocos feitos pelo artista Guilherme Callegari.

Com o auxílio de empresas e da própria comunidade em geral, construções e doações tornaram-se mais abundantes, contribuindo para que as cerimônias ficassem cada vez mais fervorosas e numerosas, a exemplo a Missa do Galo, em 1931, que se tornou data e celebração famosíssima.

De 1951 em diante, as obras da Igreja são voltadas para as festas e para o público em geral, zelando pela sua segurança, como a troca de piso e reforma do teto em 1953, sendo que, em 1954, toda superfície da nave revestida de tijolos de cor amarelada e reforçados os pisos e forros das capelas laterais. Nos anos de 1961, sob gestão do padre Driessen, são colocados 56 bancos novos, devido ao aumento de fiéis.



Imagem 01: Igreja de Nossa Senhora das Dores. Autoria: Wikipédia.org

3 A Lenda

A Igreja das Dores levou 97 anos para ser construída e isso a transformou num testemunho da própria evolução cultural da cidade. Começada dentro dos padrões usuais do barroco português, a igreja terminou, na fachada e nas torres, com o sabor de arquitetura alemã. Tal e qual Porto Alegre, que experimentou ao longo do tempo a mesma transformação (FRANCO, 1988).

Há uma lenda que conta o porquê da Igreja possuir tanta mescla de estilos artísticos, além do atraso que a mesma sofreu ao longo dos anos em suas reformas e construção. De acordo com essa lenda, José Domingos José Lopes, um senhor de escravos, enviou escravos seus para auxiliar na construção da Igreja, incluindo um chamado Josino. Quando começaram a desaparecer misteriosamente tijolos do campo das construções, imediatamente Josino foi acusado pelo seu patrão, sendo posteriormente condenado à morte por roubo.

Naquela época, em frente à Igreja ficava o pelourinho de Porto Alegre e a forca, onde eram executados os criminosos. Conta a lenda que Josino foi executado nesse local, bradando sua inocência e rogando uma praga - de que seu patrão nunca veria a obra da Igreja se concluir. Ao longo dos anos, várias estruturas e planos arquitetônicos foram modificados, tal como o projeto das torres, fatores esses que, segundo a comunidade, deve-se à praga rogada por Josino.

4 Os lugares de memória e a constituição do museu de arte sacra

A Igreja das Dores como componente da paisagem urbana, merece ser preservada por seu valor afetivo e por estar interligada na memória coletiva da cidade (CURTIS, 1976: 07).

A Igreja de Nossa Senhora das Dores se enquadra em um dos lugares de memória, conceito elaborado por Pierre Nora, para quem “só é lugar de memória se a imaginação o investe em uma aura simbólica” (NORA, 1985). Dessa forma, nos vários anos de construção e reconstrução da Igreja, foram usados projetos ecléticos e/ou clássicos em sua concepção, conforme a época em que ocorria uma ou outra reforma, para serem reproduzidos segundo a vontade da sociedade da época que participou na conclusão do templo, fazendo assim com que, ao longo dos anos, esse lugar de memória se tornasse lugar de história, uma que, em vários pontos de sua arquitetura, conta a trajetória da sociedade que participou da fundação e da conclusão (parcial) desse monumento.

Seguindo essa linha de raciocínio, sempre houve uma preocupação em fixar um estado de coisas de determinada época, imortalizando estilos do passado cheios de símbolos com significados distintos em cada tempo passado, é o que pode ser observado desde os paramentos dos membros do clero até os adornos usados pelos fiéis no culto – objetos que se encontram presentes no acervo da Igreja. Pois cada obra arquitetônica e escultural presente no templo revela um significado diferente e a adaptação sofrida na localidade de Porto Alegre, inclusive a escolha dos próprios traços barrocos, provenientes de uma herança lusa que chegou ao Brasil através dos jesuítas.

Atualmente, pode-se dizer que a Igreja das Dores está passando por uma transição de lugar de memória a um museu que é vivido ainda pela comunidade paroquial que frequenta o local, além de indivíduos oriundos de outras regiões, pois segundo o Conselho Internacional de Museus – ICOM, criado em 1946, para promover os interesses da Museologia e de outras disciplinas relacionadas com a gestão e as atividades dos museus, a própria definição de museu, modificada na 18ª Assembléia Geral da Noruega, em 1995 declara que museu é uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire os mesmos, conserva-os, transmite-os e expõe-nos especialmente com intenções de estudo, de educação e de deleite. Pode-se dizer que atualmente a Igreja das Dores está se tornando um museu de tipologia histórica, pois sua arquitetura e aspectos artísticos expressam a demanda de uma época e a forma adotada dessa mesma construção e estilo na cidade de Porto Alegre, o que nos leva a pensar até o urbano dessa cidade e sua relação com os indivíduos da época e como essa relação permanece ou se altera hoje no cotidiano citadino.

Pode-se dizer que a constituição do museu evoca uma busca pela memória da Igreja e de seus fiéis, pois há uso de depoimentos orais dessa comunidade participante de fiéis e indivíduos frequentadores do templo que moram aos redores da Igreja, que dialogam constantemente com o espaço dessa instituição, ou seja, se apresenta como um lugar onde se podem agendar compromissos de reorganizar o patrimônio, numa espécie de gestão cultural. Sendo um espaço de encontro da comunidade em volta do patrimônio existente, onde se pode arriscar a dizer que no futuro, esse museu sacro possa vir a ter características de um museu comunitário.

Dessa maneira, praticando a lógica da memória e do esquecimento proposta por Ulpiano (2000) de que a memória é mutável e construída socialmente, se pode dizer que em 1930 a Igreja das Dores foi um lugar de memória, pois nesse período, envolto em reformas chefiadas por bispos e padres germânicos, assim como os artistas de origem européia, a Igreja artisticamente perde sua memória e adota outra com a introdução do gótico alemão no seu âmbito arquitetônico, transpassando o barroco português ali presente, ainda que em somente alguns aspectos, expresso nas talhas e altar, porém já nas torres se nota que há a presença do “pontagudo” do gótico alemão, presente nas catedrais alemãs hoje.

A museóloga Ana Bosli, que atualmente está desenvolvendo o projeto de implantação de um museu interno com acervos da própria Igreja das Dores, dentre eles livros, estátuas, vasos e outros, declara que a Igreja em si é um local onde há muitos acervos históricos que ainda estão sendo usados pela comunidade. Há um projeto de implantação de um museu dentro da própria igreja com esse acervo que antes era usado pelos fiéis e pelo clero que agora já se encontra em desuso. Segundo a própria Ana Bosli, um museu somente o é, quando os objetos ali expostos perdem seu uso rotineiro. Portanto, a Igreja na sua totalidade é um grande acervo que por sua vez, possui vários objetos internos que poderiam vir a fazer do acervo de um museu. Na constituição desse museu há uma preocupação em preservar e comunicar esse acervo ao público que não frequenta a igreja, turistas e a população de hoje, mostrando as mudanças presentes no próprio clero.



Imagem 02: Local onde serão expostos os acervos. Autoria de Caroline Rippe



Imagem 03: Acervo pertencente à Igreja. Autoria de Caroline Rippe

Para Pierre Nora a história é uma atividade escrita que organiza e reúne numa totalidade sistematizada as diferenças e hiatos da memória coletiva, já que esta, sendo primordialmente oral e afetiva, fragmenta-se em uma pluralidade de narrativas. Nora contrasta, portanto, a tradição vivida da memória à sua reconstrução intelectual, a história. Conclui com certa provocação ao afirmar que aquilo a que chamamos hoje de memória é, na verdade história.

É dele a afirmação de que, até nossos dias, história e memória praticamente se confundiram, e a história parece ter se desenvolvido a partir da memória coletiva. Esta nova memória coletiva consolida seu saber com os instrumentos tradicionais, porém arranjados de forma diferente. A par desses movimentos, ocorre também uma valorização dos *lugares de memória*, comum não só a Nora como em Le Goff (1996).

Através de um projeto do IPHAN, está sendo elaborada uma exposição museológica sacra com os acervos pertencentes à Irmandade da Igreja das Dores juntamente com doações da comunidade, compreendem esse acervo: imagens de pouca quantia, livros e roupas antigas utilizadas nos cultos antigos da Igreja. Sendo que esse museu ainda não está concluído, porém possui uma gama de objetos raros, acondicionados e restaurados prontos para expor.

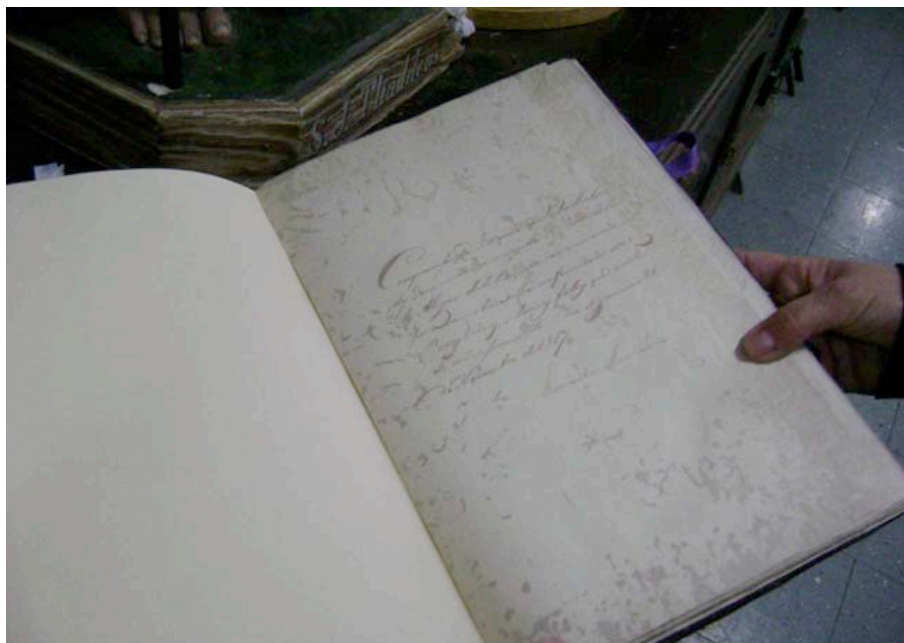


Imagem 04: Livro restaurado da História da Igreja. Autoria de Caroline Rippe

Ainda segundo Ana Bosli, responsável pela preservação desse acervo e que realiza trabalhos de restauro e pequenos reparos, ele ainda está em processo de conceber uma expografia adequada que o comporte no espaço destinado dentro da Igreja, porém todo o acervo está praticamente acondicionado e devidamente inventariado. Nesse acervo sacro há muitas coisas em uso e desuso pelo clero e paroquianos, e para complementar esse acervo, alguns padres anteriores, que guardaram objetos e paramentos, pretendem doar seus acervos ao futuro museu. Já era objetivo do IPHAN a criação, de fato, um museu de arte sacra em Porto Alegre contando com esse acervo, porém esse museu seria o pioneiro, inclusive a Catedral Metropolitana de Porto Alegre estaria realizando um projeto de montar um museu de arte sacra com seu próprio acervo também.



Imagem 05: Estatuária sacra aos moldes da arte barroca. Autoria de Caroline Rippe



Imagem 06: Acervo acondicionado. Autoria de Caroline Rippe

Esse espaço interno cedido ao museu localiza-se à esquerda de quem entra na Igreja, porém esse espaço já existia há mais tempo, mas não era utilizado e não conta com acesso destinado aos portadores de necessidades especiais e, logo, terá de ser adequado e reformado para tal. A constituição do museu é um processo burocrático, pois deve ser uma instituição à parte da administração da Igreja, pois a mesma deve ter direção e profissionais próprios. E, para começar a montagem e constituição do

museu, precisa-se de aporte financeiro e profissional. Porém, na atualidade, a igreja está passando por um processo severo de restauração através do projeto Monumenta¹ do Governo Federal, e essa restauração foi posta como prioridade, considerando-se as más condições de conservação em que a instituição se encontrava. Assim, o projeto do museu vai ser realizado num segundo momento, após a restauração da sede.

O projeto do museu engloba toda parte de organização do mobiliário e museografia, porém com a declaração de que há a necessidade de verbas e apoio para concretizar esse museu, o que é visto em muitas instituições museológicas no Brasil, a organização busca a iniciativa privada através de uma produtora cultural que faz esse trabalho de venda e suporte do projeto. A Igreja oferece o espaço e o acervo, Ana Bosli é responsável pela restauração e acondicionamento desses, já tendo organizado muita coisa. Contudo, de acordo com ela, ainda há muita coisa a ser feita, pois montar e concretizar um museu, tendo em vista sua sustentabilidade, é algo que exige uma equipe maior com indivíduos e profissionais habilitados que dêem suporte às várias áreas que o museu abarca – administrativo, finanças, reserva técnica, etc.

Não há uma linha filosófica e museográfica a ser seguida ainda. A princípio, a idéia é desenvolver um museu aos moldes de “museu de arte sacra” com objetos provenientes da Igreja e doações comunitárias. A proposta desse museu é política acima de tudo - evangelizar e interagir com o público, não sendo a *priori* exposto tudo, devido ao fato de serem muitas peças, porém quem idealiza o museu admite e priva pela qualidade e composição de exposições variadas que atraiam público e investidores.

Portanto, pode-se ver que a constituição do museu segue os mesmos passos que a igreja que o irá comportar, pois a Igreja das Dores como expresso no início desse breve texto ao longo de sua trajetória até o presente momento, nunca alcançou o término de sua obra – tanto que hoje ainda encontra-se em restauro, devido a isso, a mesma apresenta um panteão arquitetônico de estilos. Atualmente a Igreja passa por reformas em suas estruturas incentivadas através da parceria entre empresas privadas e a União, a Igreja se encaminha lentamente à consolidação de seu término.

A Igreja é um local onde se pode retratar a memória, fixada em suas fontes materiais expressas no barroco artístico e arquitetônico ainda vivo e presente no próprio culto e festas da Igreja para com a comunidade. Através da iniciativa de

¹ O Monumenta é um programa de recuperação do patrimônio cultural urbano brasileiro, executado pelo Ministério da Cultura e financiado pelo BIRD - Banco Interamericano de Desenvolvimento.

ampliar e tornar mais saliente a Igreja como *Lugar de Memória*, foi pensado e feito projeto de criar um museu voltado a tocar a memória da comunidade e conservar tal acervo presente no templo, sendo que, freqüentemente esse acervo transita entre o culto e a reserva técnica. Por isso, a partir dessa análise pode-se concluir que, a preservação da memória da Igreja das Dores é uma preocupação que abrange profissionais competentes, indivíduos, comunidades e instituições privadas ou públicas, visando exaltar e tornar a Igreja num local de memória e que nos conte uma história de forma educativa.

Porém a realidade desse museu não difere muito das demais instituições museológicas do Brasil e pode cair no que a maioria dessas instituições vem sofrendo, visto que muitos museus públicos, ou com verbas públicas, como as Fundações, muitas vezes não têm um plano diretor na conformidade de sua instituição em nenhum de seus setores. Trata-se, muitas vezes, de um local onde há jogos de poderes por cargos e patamares políticos, sendo raras às vezes que nesses locais são colocadas pessoas qualificadas como profissionais de museus. Isso é, certamente, algo preocupante, visto que o museu vai perdendo sua conexão com o público e com a pesquisa histórica e/ou artística que é realizada nessas instituições, pois na iniciativa de criação do museu um projeto inovador e pioneiro sempre é o inicial dessa construção, porém com o tempo é deixado de lado para outras definições. Por isso, antes de fazer um museu, é importante analisar sua longevidade e permanência ■

Referências

- CURTIS, Júlio. O Barroco Litorâneo I, II. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 de mai, p. 7. Caderno de sábado.
- Declaração de Caracas – ICOM, 1992. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 15, 1999.
- Declaração de Québec: Princípios de uma nova museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 15, 1999.
- DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. *Estatuários, catolicismo e gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- FRANCO, Sérgio da Costa. As Dores. *Zero Hora*, Porto Alegre, 13 de jul. 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- Mesa-Redonda de Santiago do Chile – ICOM, 1972. *Cadernos de Sociomuseologia*, n.15, 1999.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História* -PUC-SP, 1985.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves. O patrimônio total: dos museus comunitários aos ecomuseus. *Revista Museu*.

RAMOS, Maria B. Cunha. *Igreja das Dores*: importância histórico-cultural para a cidade de Porto Alegre. Porto Alegre, Pallotti, 1989.

Reflexões sobre a nova museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 18, cap. IV. São Paulo: MAE/USP, 1999.

SANTOS, Maria Célia T. O papel dos museus na construção de uma “identidade nacional”. In: FÉLIX Otero; EMIR, Cláudio P. (Orgs.). *Mitos e heróis*: construção de imaginários. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

Recebido em 23.01.2011

Aceito em 23.07.2011